

# **Periódicos Científicos e Difusão do Conhecimento Comunicacional**

Do Diagnóstico ao Debate  
Sobre Métricas de Avaliação de  
Impacto

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43.6>

**Cicilia M. Krohling Peruzzo**

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social,  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Espírito  
Santo, Departamento de Comunicação, Vitória-ES, Brasil*



## Introdução<sup>1</sup>

A difusão do conhecimento científico está envolta em múltiplas e complexas problemáticas, desde sua produção até a divulgação pública do mesmo, processo que também é perpassado por critérios e sistemas de avaliação da produtividade científica e do impacto social dos resultados.

O objetivo é sistematizar e apresentar dados e as principais discussões acerca das condições da difusão do conhecimento através de revistas científicas de Comunicação, a partir das contribuições do Fórum de Publicações e Difusão de Conhecimento Científico da Confibercom (2011-2016), além de avançar em análises sobre as limitações advindas de políticas de avaliação da produção científica centrada nas métricas predominantes em vigor. Baseado em pesquisa documental e bibliográfica, o texto se justifica ao trazer à tona questões importantes que afetam a democratização da produção científica gerada na academia.

O Fórum de Publicações e Difusão de Conhecimento Científico (FPDCC), da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação/Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación (Confibercom), foi criado dois anos depois da fundação desta confederação científica que tem, entre outros objetivos, a pretensão de ser um fórum de discussão e formulação de políticas científicas, sistemas de pós-graduação e de difusão do conhecimento científico no campo da Comunicação. A primeira atividade do FPDCC ocorreu aquando do “I Congresso da Confibercom”, que se realizou em São Paulo, em 2011, e constou de dois seminários: um, sobre periódicos de Comunicação, e o outro, sobre portais e enciclopédias, como espaços para a difusão da produção do conhecimento comunicacional.

O desafio da divulgação do conhecimento científico em Comunicação no espaço ibero-americano esteve em debate em três momentos que antecederam o “II Congresso Mundial de Comunicação Ibero-Americana”, realizado em 2014, em Braga, Portugal.

Refiro-me, em primeiro lugar, ao “Seminário de Revistas de Comunicação”, realizado em São Paulo, em 2011, com a participação de representantes de 40 revistas da Bolívia, Brasil, Colômbia, Espanha, Equador, Portugal e Venezuela<sup>2</sup>. Foram discutidos os

---

<sup>1</sup> Este capítulo é uma versão ampliada do capítulo com título “Diagnóstico e perspectivas dos periódicos científicos e difusão do conhecimento comunicacional nos primeiros anos da Confibercom (2011-2015)” (Peruzzo, 2017), publicado no livro editado por Moisés de Lemos Martins, intitulado *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de ciências sociais e humanas – O caso das ciências da Comunicação*, coletânea que reúne textos das conferências plenárias do “II Congresso da Confederação Ibero-Americana das Associações Científicas e Acadêmicas de Comunicação”.

<sup>2</sup> Este fórum decorreu da realização do “I Congresso Confibercom”, do qual foram publicadas as atas

problemas relativos às publicações científicas, desde questões tópicas até à avaliação de periódicos, no Brasil, assim como as consequências do predomínio do critério anglo-saxão para publicação científica. Foi então criada a Rede Confibercom de Revistas de Comunicação (Reviscom)<sup>3</sup>, a qual congrega, hoje, uma centena de membros associados. O objetivo da Reviscom é reunir os periódicos em um único espaço e facilitar o acesso aberto e gratuito ao conteúdo completo das revistas associadas.

Um segundo momento de debate sobre a divulgação do conhecimento científico em Comunicação no espaço ibero-americano ocorreu durante o “I Fórum Integrado da Confibercom”, que se realizou em Quito, em 2012<sup>4</sup>. O painel do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico contou com a participação de expositores convidados de vários países e identificou os problemas que enfrentava o campo da produção e da divulgação científica em Comunicação.

Por sua vez, durante o “II Fórum Integrado da Confibercom”, realizado no Porto, em 2013, foi dada continuidade ao diagnóstico da situação das revistas e à ampliação da rede de revistas na América Latina, Portugal e Espanha. Além do trabalho de identificação de periódicos, o painel do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico fez ainda propostas para melhorar as condições de difusão do conhecimento científico produzido na Ibero-América.

Entretanto, em 15 abril de 2014, durante o “II Congresso da Confibercom”<sup>5</sup>, realizado em Braga, Portugal, voltaram a reunir-se os investigadores do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico, então confirmado pela direção da Confibercom<sup>6</sup>. Foi discutido um programa de ação e o objetivo manteve-se: valorizar a produção científica no espaço ibero-afro-americano, internacionalizando a produção científica de Comunicação, realizada nesta vasta região do globo<sup>7</sup>.

Depois da realização de um seminário, durante o “II Congresso da Confibercom”, em Braga, o Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico voltou a

---

*Comunicação Ibero-americana: sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (Kunsch & Melo, 2012).

<sup>3</sup> Ver <http://redrevistascomunicacion.wordpress.com/>

<sup>4</sup> O livro de atas deste “I Fórum Integrado da Confibercom” foi organizado e editado por Margarida Kunsch (2013), com o título *La Comunicación en Iberoamérica. Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento*.

<sup>5</sup> Para mais informações sobre esse evento, acessar <http://www.lasics.uminho.pt/confibercom2014/>

<sup>6</sup> Integravam a comissão do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico: Antonio Carlos Castillo (Espanha); Carlos E. Arcila Calderon (Colômbia); Círcia M.Krohling Peruzzo (Brasil) – Coordenadora (2011-2016); Eduardo Villanueva (Perú); Gerardo León Barrios (México) e J. Paulo Serra (Portugal).

<sup>7</sup> Deste “II Congresso da Confibercom” foi publicado um livro de atas: *Comunicação ibero-americana: os desafios da internacionalização* (Martins & Oliveira, 2014).

reunir-se no decorrer do “III Fórum Integrado da Confibercom” (que reuniu os fóruns de Publicações, de Política Científica e de Pós-Graduação em Comunicação), realizado em São Paulo, em março de 2015<sup>8</sup>. Em 2016, o FPDCC aconteceu no formato de painel durante o “V Congreso da Asociación Española de Investigación de la Comunicación (AE-IC)”, realizado em Madrid, de 4 a 8 de julho de 2016.

De 2011 a 2016, estes seminários e painéis contribuíram para o estabelecimento de uma estratégia comum de divulgação do conhecimento à escala ibero-americana. Em termos gerais, grande parte das informações compartilhadas e dos debates travados nestes encontros científicos centraram-se nas dificuldades, fragilidades e limitações dos periódicos de Comunicação, tanto de ordem operacional, quanto de conteúdo disponibilizado. Os avanços verificados em alguns países, a exemplo do *Qualis Periódicos*<sup>9</sup> do Brasil, não despertaram muito interesse nesses seminários, talvez por serem uma realidade específica de apenas alguns países, precisamente daqueles onde as Ciências da Comunicação têm um grau maior de institucionalização e de desenvolvimento. Referimo-nos à indexação de periódicos, à observação rigorosa de padrões técnico-editoriais e à existência de sistemas nacionais de avaliação de periódicos. Por outro lado, foi sempre assinalado pelos investigadores o seu desconforto perante o grau de comprometimento do sistema internacional de difusão da produção científica com os mecanismos de mercado, controle e hierarquização do conhecimento, segundo padrões norte-americanos e europeus das áreas das ciências já consolidadas.

## **Aspectos situacionais de produção, circulação e avaliação de periódicos. As interrogações sobre o fator de impacto**

Com base em estudos apresentados nos seminários mencionados (Castillo Esparcia et al., 2012; Cohendoz, 2013; Martins, 2012; Peruzzo, 2012, 2013; Serra, 2013; Sierra Caballero, 2013; Suing, 2013; Valarezco & Marin Gutierrez, 2013) constatou-se que a produção científica de Comunicação e os próprios periódicos desta área estão dispersos e, em geral, têm dificuldades do ponto de vista da sustentabilidade, participação em bases de indexação de dados e até de circulação entre os próprios países ibero-americanos, entre outros aspectos.

As condições de produção de periódicos científicos de Comunicação, especialmente na América Latina, são difíceis pelas seguintes razões: com poucas exceções, não há fundos públicos que os financiem; as equipas de trabalho (às vezes, voluntárias)

---

<sup>8</sup> Neste seminário, realizado em São Paulo, em março de 2015, Paulo Serra apresentou o estudo “O (des) conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de Ciências da Comunicação”, que veio a ser publicado na *Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies* (Serra, 2016).

<sup>9</sup> Sistema de avaliação de periódicos científicos gerenciado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil.

acumulam funções dentro de suas instituições, não podendo dedicar-se estritamente ao ofício da edição de periódicos; é grande a diversidade de publicações em termos de formatos, enfoques, conteúdos, qualidade editorial, quantidades (o Brasil tem quase uma centena de periódicos, em contraste com outros países da região, alguns com um, dois ou três periódicos, outros nenhum); os editores, em geral, não possuem formação especializada e exercem a função por curtos períodos de tempo (rotatividade grande, com exceções), o que não favorece a acumulação de saber especializado e obriga sempre a recomeços; os países não têm sistemas de avaliação de periódicos, exceto o Brasil (Qualis Periódicos), o qual todavia apresenta distorções e limites; proporcionalmente ao número de periódicos científicos, são raros os que estão indexados em bases de dados internacionalizadas, como Scopus, Web of Science, Redalyc, SciELO, Directory of Open Access Journals (DOAJ) e até mesmo inseridos no Catálogo Latindex. A área da Comunicação é a menos representada nos catálogos e indexadores internacionais das Ciências Sociais.

Quanto à distribuição dos periódicos, existe uma situação difícil no que diz respeito à sua circulação, tanto nacional como fora do próprio país, situação que, no entanto, tende a melhorar em decorrência de sua crescente disponibilização na internet. Existem, todavia, outros fatores que também interferem no acesso. Às vezes, os periódicos circulam mais nos ambientes das próprias universidades e associações (e com baixa circulação nelas mesmas), embora existam alguns periódicos com projeção nacional e já indexados em bases internacionais, principalmente SciELO, Redalyc e DOAJ. Neste contexto, constata-se ainda a existência de limitação de leitura de periódicos científicos, principalmente, pelo alunado de graduação. Não se sabe claramente se é por dificuldade de linguagem, de desinteresse por texto científico, de falta de domínio dos canais de acesso, ou de idioma, quando diz respeito à produção oriunda de outros países da Ibero-América que não os de sede do periódico. Ou seja, os artigos publicados em revistas científicas são pouco consumidos enquanto textos de referência. Alguém disse num dos fóruns: “cada vez produzimos mais, mas nos citamos menos”. Em suma, a maior busca de literatura parece ser ainda a estrangeira, principalmente de autoria de norte-americanos e europeus, como mostra a bibliografia citada em artigos apresentados em congressos (Fuentes Navarro, 2008; Gobbi, 2008).

Num nível mais amplo, foi constatada a necessidade de discutir os sistemas dominantes de indicadores de qualidade em vigor que institucionalizam e hierarquizam o conhecimento, uma vez que as tendências da política de publicação de revistas em curso se baseiam na privatização, industrialização e mercantilização de produtos do conhecimento. Estamos referindo-nos a mecanismos que impedem o acesso público e gratuito ao conteúdo de periódicos científicos e quase excluem outro idioma, que não seja o Inglês, nos sistemas de buscas.

Foram feitas, também, muitas críticas aos sistemas de indexação e de métricas para medir o impacto, dado o fato de serem desenhadas para não avaliar o valor da ciência nem o valor do conteúdo dos artigos, e sim, a repercussão dos próprios periódicos entre os pares. Sobre essa questão, foram feitas várias constatações, explicitadas a seguir.

a) Existe uma dominação exercida por empresas comerciais, designadamente pela Thomson Reuters (Journal Citation Reports [JCR]<sup>10</sup>, Institute for Scientific Information [ISI]<sup>11</sup>), e pela Elsevier (Scopus), que privatizam os resultados de pesquisas geradas com fundos públicos ao liberarem o acesso apenas mediante o pagamento de taxas. Como diz Paulo Serra (2013),

é certo que a digitalização da ciência tem vindo a ser feita a passos largos – mas, de forma predominante, em língua inglesa e marcada pelos interesses comerciais de grandes companhias como a Thomson Reuters (ISI), a Elsevier (Scopus), a IGI Global e outras, que procuram fazer mais-valias privadas à custa do trabalho produzido com fundos públicos pelos cientistas das diversas universidades, laboratórios e centros de investigação – com a aquiescência mais ou menos resignada destes, submetidos ao imperativo do “publish or perish”. O resultado desta verdadeira paródia do imperativo mer-toniano da publicação da ciência é aquilo a que se tem vindo a chamar a “fast science”, e que mais não é que uma caricatura da ciência – uma caricatura que, a mais ou menos curto prazo, não deixará de pôr em causa a própria qualidade da ciência. (pp. 93-94)

b) Existe, por outro lado, um jogo antiético de práticas que acaba condicionando a divulgação científica e interferindo nos índices de fator de impacto em favor de alguns periódicos e das grandes empresas editoriais. Fator de impacto diz respeito ao selo de qualidade atribuído ao periódico com base em seu nível de citação. Baseado em estudo bibliométrico, o fator de impacto de uma revista científica indexada, no Journal Citation Reports (JCR), ou em outras bases como Scopus, é calculado todo ano da seguinte maneira:

primeiramente são contabilizadas as citações que recebem durante esse ano (ex. 2008) todos os documentos publicados na revista nos dois anos anteriores (ex. 2007 e 2006). O número total de citações é o numerador. Em segundo lugar, são contabilizados todos os “itens citáveis” publicados na revista nesses dois anos (ex. 2007 e 2006) e já temos o denominador. O fator de impacto se calcula dividindo o numerador entre o denominador. (Castillo Esparcia et al., 2012, p. 387)

<sup>10</sup> Journal Citation Reports, da Thomson Reuters, empresa proprietária também da Web of Science (WoS).

<sup>11</sup> Hoje, Web of Science.

Em outras palavras, calcula-se o fator de impacto (FI) dividindo o número de citações em artigos publicados pelo periódico (em dois anos) pelo número de artigos publicados, no mesmo período, para ver que revistas são mais referenciadas. Quanto mais citações, mais elevado é o FI. O cálculo é matemático, mas às vezes este é condicionado por artimanhas que manipulam os elementos incorporados nas métricas, de modo a aumentar o fator de impacto do periódico, apesar de contrariar as boas práticas em pesquisa<sup>12</sup>.

c) Também acontece que o sistema instituído destrói, ou então não reconhece, o valor das ciências publicadas em outros idiomas senão o Inglês. Daí a necessidade de se insistir na publicação e valorização dos resultados da pesquisa científica, nos diversos idiomas, e não só os do universo anglo-saxônico.

d) Outro fator é o super dimensionamento dado às revistas indexadas nos grandes sistemas editoriais internacionais – Thomson Reuters (JCR) e Elsevier (Scopus) –, o que acaba por instituir dura concorrência com os periódicos nacionais, especialmente, aos das Ciências Sociais. O artigo que não seja publicado em periódico indexado nestas bases parece não ter valor científico, nem social, aos olhos de burocracias acadêmicas, o que é contraproducente, uma vez que toda pesquisa de qualidade, que contribua socialmente, demonstra valor, esteja ou não indexada (Martins, 2015).

Trata-se de uma política instituída no nível dos programas de pós-graduação de todo o Brasil por determinação dos critérios de avaliação dos mesmos, instituídos pela CAPES, e, claro, também permeiam tais políticas universalmente, o que acaba induzindo as universidades à concorrência em rankings nacionais e internacionais, nos quais, em parte, suas posições são medidas segundo quantidade de publicações em revistas de alto impacto. Os rankings também servem para o reconhecimento de revistas, pesquisadores e centros de pesquisa e interferem na definição de investimentos científicos.

Em suma, de um sistema educacional que no princípio tinha como importante avaliar a aprendizagem dos alunos, “se desvirtua para converter-se em um índice de qualidade, uma ferramenta de marketing”, como refere Flavio Salazar (Opazo, 2016, para. 12).

Nesse contexto, os critérios de avaliação induzem à publicação intensiva de artigos interferindo no tipo de produção científica e, inclusive, incentivando a concorrência

---

<sup>12</sup> Entre outros mecanismos, editores publicam textos que citam – às vezes propositalmente – artigos publicados no periódico em questão, de modo a elevar o seu fator de impacto. É a chamada citação cruzada, prática contrária à ética da produção e difusão científica. O problema tem vindo à tona, tanto que, em 2013, a Thomson Reuters constatou uma fraude internacional e retirou da lista do JCR de 2012, publicada em 2013, 66 títulos, dentre eles, quatro revistas brasileiras da área da Saúde (*Acta Ortopédica Brasileira*, *Clinics*, *Jornal Brasileiro de Pneumologia* e a *Revista da Associação Médica Brasileira*) (Aventurier, 2013; Comunidade Virtual dos Editores Científicos, 2013).



e práticas antiéticas, como algumas das relacionadas com métricas do fator de impacto, antes mencionadas, mas também práticas de outros perfis controversos.

Como escreveu Pablo Ortellado (2013), em artigo veiculado pelo Stoa Universidade São Paulo (USP) e reproduzido em outros sites:

a organização do trabalho na universidade está passando por uma profunda modificação: ela não é mais voltada para a realização de pesquisas exemplares, mas para a conquista de metas de produtividade que gerem reconhecimento credencial das instituições de avaliação. A universidade se parece cada vez mais com um colegiado aristocrático de cientistas desinteressados e cada vez mais uma fábrica de papers: uma fábrica povoada de operários obedientes. O resultado desta mudança de perfil organizacional não é apenas burocratização e aceleração do trabalho – ela também gera uma profunda corrupção do sistema de comunicação científica. (para. 1)

A pressão por publicação em periódicos indexados e de alto fator de impacto ou, no mínimo, de mais elevada avaliação nas áreas científicas, pode levar a práticas controvertidas.

Desde subdividir uma investigação até a mínima unidade publicável para aumentar o número de artigos (...), colocar como coautor um colega amigo para que logo ele, por sua vez, faça o mesmo, os pactos ou máfias de publicação (que podem ocorrer tanto entre investigadores como entre editores de revistas), publicar a mesma pesquisa com leves diferenças em distintos idiomas e um comprido etcetera. (Opazo, 2016, para. 25)

Visão semelhante é externada por Ortellado (2013), no mesmo artigo veiculado pelo Stoa USP e reproduzido em outros sites: com o sistema de avaliação acadêmico-gerencial, a submissão ao objetivo de atender os indicadores de produtividade de pesquisa

não apenas faz com um tempo excessivo seja dedicado às estratégias de publicação, como estimula e legitima práticas de comunicação [da ciência] corrompidas: publicar o mesmo argumento em artigos diferentes; apresentar uma mesma ideia em partes, publicadas em diferentes artigos; publicar ideias imaturas; co-assinar artigos nos quais a colaboração foi apenas pontual; etc. (para. 9)

Todos esses mecanismos afetam cada vez mais a produção científica em Comunicação na região ibero-americana que, de um modo geral, vive no isolamento, pelo menos quanto à produção que circula em periódicos. O Espanhol e o Português mantêm-se como línguas de baixa aceitação no campo científico das Ciências

Sociais e Humanas, onde o Inglês é predominante de modo quase hegemônico. Essa circunstância tem também como consequência o baixo número de revistas de Comunicação da América Latina indexadas em bases internacionais. Como atesta Ricardo Greene, investigador da Universidad Católica del Maule, do Chile,

parte importante do trabalho em ciências sociais tem a ver com um conhecimento situado histórica e contextualmente, mas por imposição do ISI<sup>13</sup>, que em sua maioria inclui publicações em Inglês, os artigos muitas vezes não são publicados em Espanhol. (Opazo, 2016, para. 19)

Paralelo ao problema do fator de impacto, a informação científica confronta-se com um outro problema, que decorre dos sistemas de busca na internet que também priorizam o idioma inglês. Tomando o exemplo da empresa Google, verificamos que a informação é classificada através de seus próprios motores de busca (algoritmos) e seus próprios critérios (por exemplo, o idioma e a demanda). Estas circunstâncias acabam hierarquizando o conhecimento, manipulando os índices e comprometendo a amplitude possível do acesso. No caso da publicação científica, por exemplo, os artigos escritos e publicados em Inglês aparecem sempre no início dos resultados de buscas, além das restrições ou condicionamento do acesso decorrente dos algoritmos movidos, em parte, por buscas anteriores e curtidas marcadas pelo usuário.

## Propostas para enfrentar as incongruências e limitações do setor

A confederação, enquanto coletivo de associações científicas no espaço ibero-americano, congrega pessoas de diferentes visões, o que torna complexa sua atuação. Num contexto acadêmico em que a pressão das universidades por se publicar em periódicos indexados, principalmente aqueles indexados por JCR e Scopus, por exemplo, é crescente, há uma tendência por parte dos docentes investigadores – e até de estudantes de doutorado, em se sujeitarem a critérios dos mesmos, em nome do “publique ou desapareça” (*publish or perish*), às vezes, em detrimento das necessidades de pesquisa de seus próprios países (problemáticas investigadas, abordagens e difusão de conhecimentos), e dos riscos à descaracterização do próprio valor da ciência (Serra, 2013).

Se por um lado é importante a difusão do conhecimento científico, através de periódicos bem conceituados e em nível internacional, por outro lado, as revistas científicas nacionais e regionais do espaço ibero-americano também têm importância, talvez até maior, em função na necessidade de pesquisar temas de interesse regional

---

<sup>13</sup> Institute for Scientific Information, instituidor do fator de impacto, em 1975.

e de compartilhar as pesquisas científicas em seus próprios países. Sem desconsiderar a importância do diálogo planetário por meio da publicação em Inglês, ao estarem num universo de leitores potencialmente mais interessados e necessitados da informação científica situada, ou seja, relacionada a problemas de investigação presumivelmente vinculados às realidades desses países, embora isso não seja regra nem condição para que a mesma se desenvolva, o território nacional não pode ser desprezado nas estratégias de comunicação dos resultados da pesquisa científica. Referimo-nos à dialética entre a soberba daqueles que só querem publicar, em Inglês, e o interesse (do leitor por temas de sua realidade), a acessibilidade (acesso aberto e idioma) e a apropriação pública do conhecimento (subsídios que disponibiliza e utilidade pública). Afinal, o valor da ciência se mede pela contribuição que traz à sociedade e à humanidade.

Karl Popper (1987, 2002), já nos anos 1940, defendia a prática científica com liberdade de pensamento e contrária ao dogmatismo e autoritarismo dos próprios métodos, da concepção de ciência e das instituições, além de defender a ciência como intervenção social e propósitos de combater os problemas de miséria social e econômica em prol do desenvolvimento humano<sup>14</sup>. Como aceitar, então, as prescrições institucionais de órgãos de governos, universidades e de empresas editoriais privadas que pretendem prescrever tanto as temáticas<sup>15</sup> de pesquisa quanto os métodos e as abordagens segundo suas visões e interesses?

Em suma, há distorções em certas políticas científico-acadêmicas que ditam orientações de divulgação do conhecimento que, em última instância, favorecem o negócio editorial internacional em detrimento do valor da ciência para os próprios países, nos quais, é gerada.

Desse modo, se justifica a forte recomendação do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico da Confibercom para que o jogo de interesses em publicar em periódicos de mais alto fator de impacto, cujas métricas, como já foi dito, são alvo de severos questionamentos, não venha a restringir a presença dos artigos científicos nos idiomas nativos – no caso, Português, Espanhol, Galego, Catalão – nem desprestigiar os periódicos científicos da região ibero-americana nem de outras regiões do mundo com idiomas próprios.

---

<sup>14</sup> Veja-se a leitura atenta de Marin (2012) e Barreto (2012) sobre essa dimensão do pensamento de Popper e sobre as contradições dos métodos e a necessidade da crítica.

<sup>15</sup> As grandes revistas científicas indexadas nas bases antes mencionadas, por exemplo, têm entre os critérios para aceitação de artigos, aqueles que enfocam de temas em voga e de interesses globalizantes, portanto, pesquisas sobre realidades específicas de países ibero-americanos são desprestigiadas, além da exigência de padrões metodológicos e de linguagem mais afeitos a determinadas lógicas metódicas anglo-saxônicas dominantes.

Além do interesse nacional, envolto na divulgação e apropriação do conhecimento situado, os contingentes de pessoas de língua não inglesa são enormes. Como mostra Martins (2012), há uma

multidão de pessoas que têm a língua portuguesa como primeira língua. São 190 milhões os falantes de Português, quase tantos como os falantes de Francês (110 milhões) e de alemão (100 milhões) juntos. Depois do Mandarim, com 1000 milhões de falantes, do Hindi com 460 milhões, do Espanhol com 300 milhões, do Inglês com 350 milhões e do Árabe com 200 milhões, o Português vem a seguir, em sexto lugar. No entanto, na era da informação global, impressiona saber que o total de falantes em língua inglesa é de 1000 milhões, enquanto o Hindi é 650 milhões, o Francês 500 milhões, o Árabe 425 milhões, o Espanhol é 320 milhões, o Russo 280 milhões e o Português 230 milhões<sup>16</sup>. (p. 246)

Outro aspecto que compõe esse cenário é a ênfase de publicação de artigos em revistas, em detrimento, inclusive, da publicação de livros, motivo de pressão por parte dos investigadores para que se eleve o valor dos livros nas métricas avaliativas de produção. Porém, se faz elevar os índices acadêmicos, a publicação em revistas não significa a garantia de que haja acesso e leitura dos artigos no grau desejado. Quando são acessados, a tendência é que seja pelos pares, ou seja, leitores do próprio circuito acadêmico, o que é relevante, afinal trata-se de circulação e democratização de ideias e, ao mesmo tempo, um mecanismo de avaliação/validação de resultados de pesquisa. Mas, do meu ponto de vista, diante das possibilidades que as configurações das tecnologias atualmente oferecem há que se equilibrar alternativas de divulgação e compartilhamento da produção científica, tanto junto aos públicos especializados (para os pares, universidades, congressos, associações) por intermédio dos periódicos científicos, visando o debate e a validação, quanto para a sociedade como um todo, segundo o princípio da divulgação/comunicação pública da ciência.

São linhas de atuação que demandam o desenvolvimento de táticas específicas, como por exemplo a concentração dos esforços na divulgação dos resultados das pesquisas nos periódicos científicos e também a agregação dos *blogs* de pesquisadores, repositórios digitais de universidades e de associações científicas, plataformas de compartilhamento (ResearchGate e Academia.edu), bases do Google Acadêmico, perfis acadêmicos de pesquisadores e de grupos de pesquisa nas mídias e redes sociais digitais, além de outras plataformas de acesso público. Nesses ambientes, além do compartilhamento de artigos científicos, se incorporam outros formatos e

---

<sup>16</sup> Martins (2012) refere-se a valores de dezembro de 2009 retirados à data de [http://wapedia.mobi/pt/L%C3%ADngua\\_mundial](http://wapedia.mobi/pt/L%C3%ADngua_mundial).

linguagens, como entrevistas com investigadores e a disponibilização de áudios e vídeos que conjuguem cientificidade com clareza e sínteses competentes.

Tão importante quanto publicar numa revista JCR (que inclusive restringe o acesso a pagantes) ou SciELO, é publicar para acesso público universal e apropriação pela sociedade dos resultados da pesquisa científica, principalmente, aquela financiada por recursos públicos.

As possibilidades que o desenvolvimento tecnológico oportuniza indicam a existência de outros fatores passíveis de serem medidos (acessos, downloads, citações, etc.) na avaliação do impacto acadêmico e social da produção de autores, a partir do grau de apropriação dos conteúdos compartilhados, para além do fator de impacto das revistas tradicionais. Essa perspectiva crescente de divulgação da ciência parece apontar para a insuficiência dos indicadores tradicionais na medição da produção científica e de seu impacto nas sociedades.

As novas tecnologias de informação e comunicação baseadas na internet apontam para outras possibilidades, como por exemplo, o emprego de blogs e [mídias e] redes sociais – como Research Gate e Academia.edu, por exemplo – para veiculação da produção científica e que dispõem de um conjunto de ferramentas que possibilita um relacionamento mais direto entre pesquisadores. (...) Desta forma, postagens e compartilhamentos no Twitter e no Facebook, menções em blogs e na Wikipédia, registros de acessos e downloads e marcações de favoritos em sites de conteúdo científico tornaram-se novos canais informais que podem oferecer dados valiosos sobre o interesse dos leitores, o uso que fazem das pesquisas e o alcance da produção científica. (Bueno, 2015, para. 14-15)

Diante desse cenário de ampliação na comunicação científica por intermédio da internet,

com conteúdos disponibilizados na Web e toda uma gama de interações entre pesquisadores e público em geral com o conteúdo resultante dos processos de pesquisa, urge-se por métricas alternativas para o acompanhamento do impacto do que é produzido na ciência nos dias de hoje. (Gouveia, 2013, p. 216)

A Confibercom, por intermédio do seu Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico, propõe-se manter o trabalho de diagnóstico da situação dos periódicos científicos e de outras bases de dados e plataformas (portais, enciclopédias, museus, repositórios e catálogos) de difusão do conhecimento do campo da Comunicação. Por outro lado, reconhece-se que a divulgação e integração da produção científica ibero-americana exige a criação de uma potente plataforma digital

pela Confibercom, desenvolvida com pessoal especializado e estrutura tecnológica condizente. Uma tal plataforma informática permitiria aglutinar e divulgar revistas científicas, enciclopédias, repositórios científicos e museus virtuais, do campo da Comunicação, tendo em vista facilitar o acesso aberto universal à informação gerada no espaço ibero-americano. Tratar-se-á de fazer jus à potencialidade que o desenvolvimento tecnológico oferece na atualidade.

Quanto à internacionalização, não se trata de rejeitar o Inglês, mas aproveitá-lo para garantir maior visibilidade da ciência realizada, em nossos países, sem desconsiderar a publicação nos idiomas nativos. Nesse sentido, publicar em Português e Espanhol significa também lutar contra a invisibilidade internacional, atingir públicos mais amplos e contestar certo etnocentrismo cultural, que associa a universalização da ciência à ciência publicada em língua inglesa. O Fórum de Publicações da Confibercom recomenda a publicação das revistas científicas, em múltiplos idiomas – Português, Espanhol e Inglês –, embora se saiba das dificuldades financeiras e operacionais para tanto. Em consonância a essa estratégia, cabe publicar tudo (livros, capítulos de livros, revistas, artigos, dissertações de mestrado, teses de doutoramento) em regime de acesso aberto universal, limitando os direitos autorais aos direitos morais. Resgatar e digitalizar a produção ibero-americana “perdida” (não indexada), disponibilizando-a de modo gratuito, valoriza o trabalho acadêmico, em geral, e a pesquisa, em particular. Enfatiza-se a premência em facilitar o acesso irrestrito à produção científica, na internet, como forma de internacionalização do conhecimento científico gerado na Ibero-América.

O Fórum de Publicações e Difusão de Conhecimento Científico da Confibercom interroga, também, o fator de impacto, o qual é usado não para “avaliar” a produção do conhecimento e o correspondente valor da ciência, mas que é desenhado para avaliar os periódicos, e a partir de critérios e mecanismos anglo-saxônicos e interesses mercadológicos da própria indústria editorial, como já foi explicitado.

São ainda propósitos do fórum:

1. auxiliar na formação de editores visando à melhoria da qualidade científica dos periódicos e a democratização do saber técnico quanto a critérios e processos de indexação;
2. incentivar e ajudar na interação das revistas da região com os sistemas de indexação privados (por exemplo, SciELO e Redalyc) e de catalogação (como é o caso do Latindex), além dos demais indexadores;
3. propor às instituições nacionais competentes critérios de divulgação do conhecimento científico e de avaliação de periódicos que favoreçam o

avanço da qualidade editorial e respeitem a diversidade cultural, regional e acadêmica;

4. criar um observatório de revistas, com o propósito de sistematizar, analisar e avaliar as atividades de difusão científica nos países ibero-americanos;
5. criar grupos de trabalho por regiões e/ou em países, de modo a facilitar a convergência de programas de formação e intercâmbio;
6. desenvolver um banco de avaliadores e editores, para facilitar o intercâmbio e ampliar a cooperação entre os periódicos científicos;
7. criar múltiplos canais de informação científica de acesso aberto, de modo a interagir com investigadores e públicos não especializados e a promover a e-ciência no campo ibero-americano;
8. desenvolver um catálogo ibero-americano de periódicos de Comunicação, similar ao Latindex, que atenda a uma variada gama de áreas do conhecimento;
9. agregar a Reviscom ao site da Confibercom;
10. criar um catálogo de coleções, no site da Confibercom, para acesso aos investigadores;
11. otimizar, na plataforma digital Confibercom, o uso de recursos, articulando (através de *links*) produtos já existentes, tais como revistas científicas, catálogos, portais científicos, bibliotecas digitais e a rede Reviscom.

Podemos dizer, em síntese, que a Confibercom, por intermédio do seu Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento, enfatiza a cooperação e o respeito às regionalidades, assim como a integração e o acesso público universal ao conhecimento, propondo-se priorizar as seguintes políticas:

1. realizar seminários para editores de revistas científicas, visando discutir e ajudar nos processos de indexação;
2. fazer um levantamento de dados sobre o uso da comunicação digital, a partir da base do catálogo Latindex e de indexadores como SciELO e Redalyc;

3. formar um banco de avaliadores/pareceristas, disponibilizando uma lista com nomes de pesquisadores titulados, que possam auxiliar na avaliação de artigos de revistas científicas;
4. intensificar a divulgação (no Facebook e em outras mídias e redes digitais) da rede de revistas (Reviscom), de modo a difundir informações sobre a disponibilização de conteúdos completos de uma centena de revistas científicas de Comunicação já disponíveis para acesso aberto;
5. criar uma plataforma digital, a qual pode se concretizar pela melhoria/dinamização do site da Confibercom, de modo a converter-se numa plataforma digital ou na criação de um novo sítio (portal potente), o que implica na compra de um domínio de internet e de um servidor. Esta plataforma digital poderia comportar não apenas um repositório de revistas científicas, como também a migração da rede Reviscom e de toda a memória dos eventos da Confibercom, inclusive, dos artigos apresentados, além da conexão, em rede, com bibliotecas virtuais, como a Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC) da Universidade Beira Interior (Portugal), o Portal de la Comunicación Infoamérica, catálogos, portais científicos e museus virtuais.

## Limitações do índice H

No período da realização dos fóruns reportados neste texto ainda não estava candente a questão do índice H como sistema de avaliação na área da Comunicação. Em 2019, o tema veio à tona em decorrência das alterações no sistema de avaliação de periódicos da CAPES, incorporando indicadores bibliométricos. Sem entrar no mérito desse sistema proposto, neste momento, vamos situar apenas aspectos sobre o modo de avaliar através desta ferramenta.

O índice H mede a influência de um(a) investigador(a) segundo o número de citações de seus artigos. É uma das alternativas para se medir a produtividade nos tempos de web 2.0 e, ao mesmo tempo, soa como uma espécie de questionamento ao tão propalado fator de impacto de revistas científicas. Segundo Thomaz et al. (2011),

descrito em 2005 por Jorge E. Hirsch, como uma ferramenta para determinar a qualidade relativa dos trabalhos de físicos teóricos, o Índice H passou a ser muito utilizado no meio científico, como forma de mensurar a produtividade e o impacto do pesquisador. (p. 90)

Mas, o que se recomenda é que seja usado ao lado de outros indicadores.

O cálculo é feito a partir da relação entre o número de artigos publicados e as citações de cada artigo.



O índice H de um pesquisador é definido com o número de artigos publicados pelo pesquisador, os quais obtenham citações maiores ou iguais a esse número. Por exemplo, quando dizemos que índice H de um pesquisador é 10, significa que ele tem, pelo menos, 10 artigos publicados, cada um deles com, pelo menos, 10 citações. (Thomaz et al., 2011, p. 91)

O índice H pode ser calculado através da base de dados Web of Science da ISI/Thomson Reuters ou do programa “Publish or Perish”<sup>17</sup> que usa a base do Google Acadêmico (Thomaz et al., 2011). Também pode ser calculado manualmente:

para tanto, devemos ordenar os trabalhos por número de citações. Começando por aquele com maior número de citações. O índice H de um determinado autor será o número de sequência numérica dos trabalhos cujo número de citações iguala-se ou é maior que o ranque da sequência. Vejamos um exemplo. Se um pesquisador tem a seguinte sequência numérica de artigos publicados: artigo 1 – 17 citações; artigo 2 – 16 citações; artigo 3 – 14 citações; artigo 4 – 10 citações; artigo 5 – cinco citações; artigo 6 – três citações; artigo 7 – duas citações. Esse autor tem um índice H de cinco, pois cinco é o ponto na sequência em que os números de citações se igualam ao número do artigo. (Thomaz et al., 2011, p. 92)

Com a intenção original de quantificar a produtividade e a qualidade (impacto) da produção de um(a) pesquisador(a) com base no número de citações de seus artigos científicos, o índice H apresenta vantagens (pode medir a produtividade, regularidade e impacto total), mas também tem sofrido muitas ponderações e críticas devido a suas limitações explícitas e implícitas. Uma das ponderações é sobre necessidade de conjugar indicadores bibliométricos junto com outros índices para melhor apreensão do conjunto da produtividade de um(a) pesquisador(a).

As limitações são apontadas nos termos a seguir brevemente comentados. Existe lentidão no processo de avaliação e publicação de artigos, além de as contagens de citações exigirem certo tempo de retorno (Gouveia, 2013), o que revela que pode haver defasagens nos números; existem textos muito influentes em uma área de estudos, mas que por suas características, tendem a não ser citados e ficam às margens das métricas, apesar de servirem de inspiração e gerarem ideias (Gouveia, 2013); a produção do conhecimento fora da academia acaba sendo ignorada porque não é objeto das métricas atuais (Gouveia, 2013); o índice H não se adequa bem para comparar o impacto da produtividade de indivíduos em diferentes estágios da carreira de pesquisador (Thomaz et al., 2011); pode ainda haver autocitação, indiscrição entre ativos e inativos, tentativa de igualar áreas sem respeitar as distinções

---

<sup>17</sup> Disponível em <http://www.harzing.com/pop.htm>

(Thomaz et al. 2011). Ao que podemos acrescentar: as citações em capítulos de livros, livros, trabalhos em eventos, teses e dissertações, portanto, fora de periódicos científicos, ou ainda, que não estão disponibilizados na internet, não entram no cálculo padrão da Web of Science, por exemplo, pois, o sistema só vai identificar os artigos publicados em periódicos científicos, e mais, só aqueles indexados em suas bases.

O próprio criador do índice H, Jorge Hirsch, admitiu que “deve-se sempre ter em mente que pesquisas fora do *mainstream* podem ser pouco citadas e subavaliadas por índices bibliométricos e merecem ser apoiadas financeiramente apesar disso” (Marques, 2013, para. 3).

Enfim, urge não se reificar as métricas atuais, pois estão envoltas em incongruências e limitações cruciais, embora nem todas facilmente perceptíveis. Por outro lado, são muitos os desafios diante das transformações tecnológicas e das múltiplas possibilidades de divulgação do conhecimento científico ao alcance dos autores hoje em dia. Se a avaliação da produtividade e do impacto da produção científica do/a pesquisador(a) na sociedade não acompanhar essas mudanças e, ainda, não for capaz de apanhar todas as formas de disseminação do conhecimento, não refletirá a real condição de empoderamento social do conhecimento.

## Considerações finais

Se, por um lado, a área de abrangência do Fórum de Publicações e Difusão do Conhecimento Científico tem especificidades, como as discutidas neste texto, por outro, tem intersecções com os demais fóruns da Confibercom – como de Políticas Científicas e o de Pós-Graduação em Comunicação. Desse modo, os desafios são conjuntos, pois as macro políticas de Ciência e Tecnologia interferem diretamente no direcionamento das políticas de produção e de divulgação do conhecimento científico. Afinal, estas são desenhadas a partir de instâncias que prescrevem normas e parâmetros, principalmente, no nível das políticas de investigação científica e de pós-graduação, as quais desembocam nas políticas de difusão do conhecimento. Portanto, somente um trabalho conjunto dos três fóruns que formam a Confibercom pode ser mais eficiente no delineamento de ações capazes de contribuir para a formulação de novas diretrizes e pressionar por alterações nas macro políticas de Ciência e Tecnologia que tanto impactam as micro políticas editoriais e a própria visão dos gestores acadêmicos, de editores de periódicos científicos e dos próprios docentes investigadores.

A área da Comunicação do espaço ibero-americano tem o desafio de avançar no aprimoramento dos sistemas de divulgação do conhecimento, especialmente, das revistas científicas, mas sem descuidar de dar vazão a todo o seu potencial de

manejo das novas tecnologias e linguagens comunicacionais para a disseminação do conhecimento para o conjunto da sociedade e não apenas para os pares. Ciência se faz para a sociedade. Portanto, sua divulgação, para além de periódicos técnicos, também é importante para que possa ser amplamente conhecido e apropriado.

## Referências

- Aventurier, P. (2013, 7 de agosto). 5 revistas brasileiras e a ética das publicações. *A publicação científica*. <https://publicient.hypotheses.org/589>
- Barreto, T.V. (2012). Notas em torno do debate Popper-Adorno. In P. E. Oliveira (Ed.), *Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper* (pp. 274-294). Círculo de Estudos Bandeirantes.
- Bueno, C. (2015). Métricas da produção científica. *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, (166). <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=111&id=1336>
- Castillo Esparcia, A., Almansa M. A., & Álvarez Nobell, A. (2012). A pesquisa latino-americana em comunicação, estudo bibliométrico de revistas. In M. M. K. Kunsch & J. M. de Melo (Eds.), *Comunicação ibero-americana. Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (pp. 385-400). ECA-USP.
- Cohendoz, M. (2013). Revista Argentina de Comunicación, una política de la voz. In M. M. K. Kunsch (Ed.), *La comunicación en Iberoamérica: Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento* (pp. 365-376). CIESPAL; Confibercom.
- Comunidade Virtual dos Editores Científicos. (2013, 5 de setembro). *Esquema de citações em periódicos brasileiros vem à tona*. [http://cvirtual-ccs.bvsalud.org/tiki-read\\_article.php?articleId=613](http://cvirtual-ccs.bvsalud.org/tiki-read_article.php?articleId=613)
- Fuentes Navarro, R. (2008). *La comunicación desde una perspectiva sociocultural. Acercamientos y provocaciones 1997-2007*. ITESO.
- Gobbi, M. C. (2008). *A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da ALAIC*. Cátedra Unesco; Editora Metodista.
- Gouveia, F. C. (2013). Almetria: Métricas de produção científica para além das citações. *LIINC em Revista*, 9(1), 214-227. <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3434/3004>
- Kunsch, M. M. (Ed.). (2013). *La comunicación en Iberoamérica. Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento*. CIESPAL; Confibercom.
- Kunsch, M. M. & Melo, J. M. (Eds.). (2012). *Comunicação Ibero-americana: Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação*. Confibercom; Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.
- Marin, S. R. (2012). Intervenção social e desenvolvimento humano em Karl Popper. In P. E. Oliveira (Ed.), *Ensaio sobre o pensamento de Karl Popper* (pp. 252-273). Círculo de Estudos Bandeirantes.
- Marques, F. (2013, maio). Os limites do índice-h. Supervalorização do indicador que combina quantidade e qualidade da produção científica gera controvérsia. *Pesquisa Fapesp*. <https://revistapesquisa.fapesp.br/2013/05/14/os-limites-do-indice-h/>

Martins, M. L. (2012). Revistas científicas de ciências da comunicação em Portugal: Da divulgação do conhecimento à afirmação do Português como língua de pensamento e conhecimento. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 35(1). <https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000100012>

Martins, M. L. (2015). A liberdade académica e os seus inimigos. *Comunicação e Sociedade*, 27, 405-420. [https://doi.org/10.17231/comsoc.27\(2015\).2109](https://doi.org/10.17231/comsoc.27(2015).2109)

Martins, M. L., & Oliveira, M. (2014). (Eds.). *Comunicação ibero-americana: Os desafios da internacionalização. Livro de atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana*. CECS. <http://hdl.handle.net/1822/33031>

Opazo, T. (2016, 23 de janeiro). La tiranía de las publicaciones académicas. *La Tercera*. <https://www.latercera.com/noticia/la-tirania-de-las-publicaciones-academicas/>

Ortellado, P. (2013, 30 de agosto). A fábrica de papers. *Prof. José Miguel Garcia Medina*. <https://professormedina.com/2013/08/30/a-fabrica-de-papers-por-pablo-ortellado/>

Peruzzo, C. M. K. (2012). Panorama brasileiro das revistas científicas de comunicação. In M. M. K. Kunsch & J. M. de Melo (Eds.), *Comunicação Ibero-americana. Sistemas midiáticos, diversidade cultural, pesquisa e pós-graduação* (pp. 417-432). ECA-USP.

Peruzzo, C. M. K. (2013). Visión general de los periódicos de comunicación en Brasil y de la Red Confibercom de Revistas de Comunicación. In M. M. K. Kunsch (Ed.), *La comunicación en Iberoamérica: Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento* (pp. 395-308). CIESPAL; Confibercom.

Peruzzo, C. M. K. (2017). Diagnóstico e perspectivas dos periódicos científicos e difusão do conhecimento comunicacional nos primeiros anos da Confibercom (2011-2015). In M. L. Martins (Eds.), *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas - O caso das Ciências da Comunicação* (pp. 217-230). Húmus. <http://hdl.handle.net/1822/49365>

Popper, K. R. (1987). *A sociedade aberta e seus inimigos*. Itatiaia.

Popper, K. R. (2002). *La miseria del historicismo*. Alianza.

Serra, P. (2013). Digitalização e acesso aberto na publicação em Ciências da Comunicação: O caso português. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 36(2), 91-104. <https://doi.org/10.1590/S1809-58442013000200005>

Serra, P. (2016). O (des)conhecimento recíproco dos investigadores ibero-americanos de Ciências da Comunicação. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 3(2), 57-68. <https://doi.org/10.21814/rlec.115>

Sierra Caballero, F. (2013). La era open data. Publicaciones, política científica y socialización del conocimiento. Hacia una nueva economía política del archivo. In M. M. K. Kunsch (Ed.), *La comunicación en Iberoamérica: Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento* (pp. 347-364). CIESPAL; Confibercom.

Suing, A. (2013). Aporte de diálogos de la Comunicación a la difusión de las ciencias de la comunicación. In M. M. K. Kunsch (Ed.), *La comunicación en Iberoamérica: Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento* (pp. 333-346). CIESPAL; Confibercom.

Thomaz, P. G., Assad, R., & Moreira, L. F. P. (2011). Uso do fator de impacto e do índice H para avaliar pesquisadores e publicações. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 96(2), 90-93. <https://doi.org/10.1590/S0066-782X2011000200001>

Valarezco, K., & Marin Gutiérrez, I. (2013). Difusión de la ciencia de la comunicación, una tarea pendiente en Latinoamérica. In M. M. K. Kunsch (Ed.), *La comunicación en Iberoamérica: Políticas científicas y tecnológicas, posgrado y difusión de conocimiento* (pp. 377-392). CIESPAL; Confibercom.